

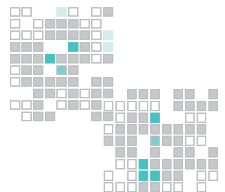
Ásia e América Latina em diálogo: entrecruzamentos e desafios investigativos

Se longevas e consolidadas são as relações econômicas e culturais entre a América Latina e Ásia, o mesmo não se pode afirmar dos estudos comparativos e interdisciplinares, em especial aqueles voltados para as **interfaces midiáticas, socioculturais e estéticas** entre as duas regiões, tema do presente dossiê coordenado por Anderson Lopes da Silva (Tailândia), Maria Cristina Palma Mungioli (Brasil), Pasuree Luesakul (Tailândia), Laura Rabelo Erber (Países Baixos), Pedro Rabelo Erber (Japón). Ainda que esforços menos ou mais recentes como a criação do *Grupo de estudos Ásia e América Latina* e da *Revista Ásia e América Latina* juntos à Universidade de Buenos Aires (cujo idealizador, professor Fernando Pedrosa, é o entrevistado do presente número), o crescimento de pesquisas sobre o Leste Asiático sediadas em universidades brasileiras (como aponta o estudo de Mayara Araujo e Aline Mendes para esse dossiê) ou a publicação de livros como *China-América Latina: cómo ir más allá del 2020?* (2012) e *Latin America, and the Decolonization of Transpacific Studies* (2022), este último aqui resenhado por Anderson Lopes, indiquem um caminho a ser trilhado, o desafio é grande. Quer no que se refere à fuga do exotismo a partir do qual tais culturas e conhecimentos são tratados, quer no reconhecimento da diversidade sociocultural e histórica dos países que compõem esses dois “conceitos” (Ásia e América Latina), quer na necessidade de se repensar instrumentos analíticos e metodológicos que possam emergir a partir de tais enfoques.

Enfrentá-lo é urgente e cada vez mais necessário. Como afirma Reyes Matta et al, citado em artigo de Bolaño, Paulino e Deqiang Ji para esse dossiê

A abertura e a inclusão caracterizam as civilizações chinesa e latino-americana, que no intercâmbio recíproco podem compensar os pontos débeis de uma com os pontos fortes da outra e progredir conjuntamente. Quanto maior profundidade adquirir nosso intercâmbio cultural-humano, em maiores consensos chegarão nossos povos e sua amizade se transmitirá de geração em geração. Nos incumbe desenvolver ativamente o diálogo entre as civilizações, ampliar a cooperação em educação, cultura, imprensa e esportes e promover o respeito mútuo e a convivência harmoniosa entre as diferentes etnias, credos religiosos e culturas (REYES MATTA et al, 2012, p. 193).

Assim, ainda que os artigos reunidos no dossiê se concentrem nos estudos das interfaces midiáticas de apenas três países asiáticos, Japão, Coreia e China, as diversidades temática e metodológica – dos estudos culturais aos estudos da recepção, da formação de identidades e produção de sentidos às complexidades geopolíticas decorrentes de regimes políticos e econômicos



distintos – apontam para um verdadeiro programa de pesquisa a ser percorrido pela consolidação e incremento de redes de pesquisa interdisciplinares e multinacionais.

De forma complementar a esse conjunto de reflexões, a **Seção Entrevista** traz o depoimento do reconhecido historiador e politólogo da Universidade de Buenos Aires, Dr. Fernando Pedrosa. Pedrosa, diretor do Grupo de Estudos da Ásia e América Latina (GESAAL) e da Revista Asia América Latina, editada pelo Editorial da Universidade de Buenos Aires, vem há alguns anos reivindicando um tratamento de maior magnitude das questões asiáticas pelo mundo acadêmico latino-americano. A exemplo do que vem ocorrendo com a Coreia e sua política de *soft power*, ainda falta, segundo o entrevistado, mais informação, conhecimento mútuo e responsabilidade histórica.

A presente edição publica, ainda, na **seção Artigos Livres** as reflexões de Fabiana Ioscote, Claudia de Quadros, Manoella Fiebige e Cleide Antonium sobre um tema cada mais vez mais presente em nossas práticas cotidianas e formação acadêmica: a Inteligência Artificial. No artigo *A inteligência artificial no ensino do jornalismo: caminhos percorridos por cientistas* a inserção da Inteligência artificial como conteúdo de ensino dos cursos de jornalismo é analisada por meio de entrevistas a 3 docentes-pesquisadores brasileiros: Walter Teixeira Lima Junior (UNIFESP/UFPA), Marcio Carneiro dos Santos (UFMA) e Kérley Winques (IELUSC). Como critério de seleção dos docentes, os autores do artigo percorreram as publicações em anais de congressos e revistas científicas. Entre as contribuições trazidas pelos professores entrevistados destacam-se a compreensão a emergência de um novo contexto, a convergência tecnológica e a plataformização do trabalho dos jornalistas demandam um novo perfil profissional, não apenas focado no letramento digital, mas, sobretudo, reflexivo e consciente das questões éticas que o uso da Inteligência Artificial acarreta. O artigo aponta a necessidade de um ensino mais “flexível” e interdisciplinar, formando, desta forma, um profissional mais responsivo às instabilidades do mundo do trabalho. Uma questão que permanece é, entretanto, o fato dessas tecnologias serem apropriadas, na maior parte das vezes, por relações de trabalho assimétricas e poupadoras de trabalho.

Já no artigo *Religião e política no contexto latino-americano: a imagem do candidato evangélico a partir da série El Reino (2021)* os autores, Marcela Barba, Pedro Borges e Aline Vazse debruçam sobre a produção audiovisual disponibilizada em plataformas de streaming, no caso a série argentina *El Reino*, para investigar as relações entre o universo religioso evangélico e o cenário social e político da Argentina. Em uma narrativa que mescla ficção e realidade a partir dos eixos – política, dinheiro e moralidade – os autores se defrontam com o importante fenômeno social de crescimento da religião pentecostal na região, bem como - ainda que como cenário - a construção das pautas mais conservadoras.

Encerrando a seção Tania Cobos avalia o tratamento jornalístico e linhas editoriais dos periódicos colombianos durante os primeiros meses da pandemia do COVID-19, em 2020. De acordo com a autora, com base nas entrevistas ao público consumidor realizadas, houve um tratamento “sensacionalista” e de ratificação do discurso governamental, em especial se comparado à cobertura da mídia internacional. Outra conclusão a ser destacada foi a percepção de que a sobre-exposição de notícias sobre o evento afetou a saúde mental de algumas pessoas, levando à diminuição, ou mesmo cancelamento, do consumo noticioso.

Para a seção **Estudos** a Revista conta com o relato de Maria Cacciamali, Lisbeth Rebollo, Júlio Suzuki, Marilene Rebello sobre o PROLAM- USP. Surgido em 1988 no contexto de um projeto político de integração da América Latina, o Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP) tem demonstrado constituir-se um dos principais centros

de reflexão e instrumento de integração continental. Atestam sua excelência não apenas a expressiva quantidade de professores, pesquisadores e estudantes de diferentes países da América Latina, Caribe e Europa que passam pelo programa, bem como suas publicações, cursos, seminários e inúmeras outras atividades ali realizadas. Atento às dinâmicas contemporâneas e demandas estratégicas da região o PROLAM também se volta para as políticas de inovação e desenvolvimento, participando da criação do Centro Internacional de Inovação e Desenvolvimento de Cidades MIL (metodologia da UNESCO), sediado no Instituto de Estudos Avançados da USP.

Encerra a edição as resenhas de Anderson Lopes sobre a antologia organizada por Chiara Olivieri e Jordi Serrano-Muñoz, *East Asia, LatinAmerica, and the Decolonization of Transpacific Studies*, complementando e ampliando – a partir da perspectiva do transpacífico e decolonial – as discussões travadas no dossiê temático e a resenha de Erica de Moraes sobre o livro de Jonathan Crary, *Terra arrasada - Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. Como podemos observar já na provocação que dá título à obra, o autor dá prosseguimento à sua investigação sobre os modos pelos quais o capitalismo contemporâneo se apodera do vivido, questionando, entretanto, a suposta inevitabilidade da supremacia digital. Acionando, dessa forma, o pensamento utópico como uma espécie de antídoto, ou força transformadora, de uma realidade que se faz cada vez mais “avalassadora”, Crary conclama os sobreviventes a assenhorem-se de sua própria existência, a instituírem comunidades e formações aptas à autogovernança igualitária, sem as quais “o pós-capitalismo será um novo campo de barbarismos, despotismos regionais e coisas ainda piores, no qual a escassez assumirá formas inimagináveis de selvageria.”. Resta, aponta Erica de Moraes, a questão sobre a suficiência, ou não, da ruptura sistêmica para “transformar o mundo em algo coletivamente mais digno”?

Aos autores, organizadores e colaboradores dessa edição nossos agradecimentos e a todos uma boa leitura.

Ruy Sardinha Lopes
Maria Cristina Gobbi